



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA:

Rick¹, seus objetivos e suas conquistas pelos movimentos dos olhos

FRAGMENTOS DE UNA HISTORIA:

Rick, sus metas y logros a través de movimientos oculares

FRAGMENTS OF A STORY:

Rick, his goals and achievements through eye movements

Dagoberto Buim Arena
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Marília
Núcleo de Ensino/Prograd
dagoberto.arena@unesp.br

Sonia de Oliveira Santos
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
soniliver2014@gmail.com

Raíssa de Paula Pimenta
Graduanda de Pedagogia/UNESP-Marília
r.pimenta@unesp.br

Resumo: O artigo tematiza a vida escolar e a preparação para escrever uma redação no ENEM de 2021/2022 de um jovem que emprega apenas os olhos para ler e para escrever, usuário de um notebook com mouse ocular, comprado com a colaboração da comunidade onde vive. Para essa preparação, um projeto de pesquisa e de extensão, financiado pela Pró-Reitoria da UNESP, foi posto em marcha por uma equipe composta por um professor pesquisador, por uma bolsista, por uma professora de educação especial, em Marília, SP no ano de 2020. Os encontros semanais com o aluno, presenciais no início, foram substituídos pelos remotos com a chegada da pandemia em março. Nos primeiros encontros, o jovem, aspirante a um curso superior de jornalismo, trocou informações sobre princípios argumentativos e persuasivos, e teve acesso a vídeos e artigos sobre temas debatidos na mídia. Aos poucos, as condições domésticas deixaram de ser adequadas para a continuidade dos trabalhos remotamente. Em janeiro 2021, embora inscrito, o aluno não participou do ENEM. Em março de 2021, esgotado o prazo do projeto, a equipe o orientou a matricular-se em um cursinho pré-vestibular gratuito organizado por alunos do campus da UNESP em Marília. Os fragmentos de esboços de um artigo de opinião sobre o racismo analisados neste artigo revelam que o jovem começava a desenvolver estruturas argumentativas, próprias de artigos de opinião, na abordagem de temas polêmicos.

Palavras-chave: Paralisia cerebral. Mouse ocular. Artigo de opinião.

¹ Nome fictício



Resumen: El artículo analiza la vida escolar y la preparación para escribir un artículo de opinión en ENEM de 2021/2022 de un joven que usa solo sus ojos para leer y escribir, usuario de un computador con un ratón para el ojo, adquirido con la colaboración de la comunidad donde vive. Para esta preparación se puso en marcha un proyecto de investigación y extensión, financiado por la Pro-Rectoría de la UNESP, por un equipo compuesto por un investigador, un becario de licenciatura em educación y un docente de educación especial, en Marília, SP en el año 2020. El Las reuniones semanales con el alumno, en persona al principio, fueron sustituidas por reuniones remotas con la llegada de la pandemia en marzo. En los primeros encuentros, el joven, aspirante a la licenciatura en periodismo, intercambió información sobre principios argumentativos y persuasivos, y tuvo acceso a videos y artículos sobre temas debatidos en los medios. Poco a poco, las condiciones domésticas dejaron de ser adecuadas para la continuación del trabajo a distancia. En enero de 2021, aunque inscrito, el alumno no participó en ENEM. En marzo de 2021, cuando vencía el plazo del proyecto, el equipo le dio instrucciones de inscribirse en un curso preuniversitario gratuito organizado por estudiantes del campus de la UNESP en Marília. Los fragmentos de ensayos de un artículo de opinión sobre racismo analizados en este artículo revelan que el joven había comenzado a desarrollar estructuras argumentativas, propias de los artículos de opinión, en el abordaje de temas controvertidos.

Palabras clave: Parálisis cerebral. Ratón para ojos. Artículo de opinión.

Abstract: The article discusses school life and the preparation to write an opinion article in ENEM of 2021/2022 of a young man who uses only his eyes to read and write, user of a notebook with an eye mouse, purchased with the collaboration of the community where lives. For this preparation, a research and extension project, financed by the Pro-Rectory of UNESP, was set in motion by a team composed of a researcher, a fellow, and a special education teacher, in Marília, SP in the year 2020. The weekly meetings with the student, in person at the beginning, were replaced by remote ones with the arrival of the pandemic in March. In the first meetings, the young man, aspiring to a degree in journalism, exchanged information about argumentative and persuasive principles, and had access to videos and articles on topics debated in the media. Gradually, domestic conditions were no longer adequate for the continuation of work remotely. In January 2021, although enrolled, the student did not participate in ENEM. In March 2021, when the project's deadline expired, the team instructed him to enroll in a free pre-college course organized by students from the UNESP campus in Marília. The fragments of sketches of an opinion article on racism analyzed in this article reveal that the youth had begun to develop argumentative structures, typical of opinion articles, in the approach to controversial issues.

Keywords: Cerebral paralysis. Eye Mouse. Opinion article.

Introdução

A hibridização de gêneros dos enunciados, tema recorrente de abordagens na área da literatura, rompeu as bordas desse campo e se derrama para outros, entre os quais o acadêmico. Este texto, previamente enquadrado como artigo acadêmico, consideradas as circunstâncias, escapa dessa categorização ortodoxa para se misturar com outras, de natureza narrativa, especificamente com a estrutura de um conto e com um relatório de projeto executado. Queremos considerá-lo nem como artigo acadêmico, nem como conto literário, nem como relatório, em virtude de sua natureza híbrida e por guardar os traços de um trabalho educacional de extensão e de pesquisa, de um lado, sem, entretanto,



desprezar a existência de um fio condutor de uma narrativa, cujo protagonista é um aluno/um Outro/um sujeito de pesquisa - acompanhado por uma professora, por uma bolsista e por um pesquisador que, juntos, compõem esta narrativa com descrições objetivas de cenários espaciais e temporais, exposição das ações iniciais, obstáculos inesperados e superados, dados, análise, e, finalmente, ações finais, abertas, e, por essa razão, ainda inconclusas.

Apesar de a ação de extensão e os protocolos de pesquisa terem sido executados por três pessoas de formação acadêmica em cooperação com um aluno de ensino médio, a escrita deste texto, ora na primeira pessoa do singular, ora na primeira do plural e ora na terceira do singular ao empregar a palavra *equipe*, atende a algumas orientações teóricas: 1. O artigo incorpora a geração comunitária dos dados, sua discussão e sua análise, por isso tem a assinatura dos três responsáveis pelo trabalho; 2. O ato de escrever exige alinhamento de composição à temática abordada e às escolhas estilísticas, cujos traços, aparentemente individuais, incorporam fragmentos de relatórios comunitariamente produzidos; 3. A incorporação de trechos de relatório adiciona traços de outro gênero que compõem o hibridismo previamente anunciado e os traços de autoria neles impregnados.

Em virtude desses fatores – do hibridismo de gêneros e das autorias diluídas - o leitor perceberá deslizes estilísticos em direções inesperadas que, todavia, compõem, pelo menos de acordo com o ponto de vista de quem escreve, um conjunto arquitetônico razoavelmente configurado. Quem predominantemente assume o teclado do computador para escrever este artigo-conto-relatório é um professor pesquisador da UNESP, câmpus de Marília, alimentado pelo pensamento de Volochinov (2017), Bakhtin (2003) e Medviédev (2012), no campo dos estudos de linguagem; pelos estudos de Vigotski (2012), no campo do enfoque histórico-cultural em psicologia; pelas reflexões de Bajard (2014), Foucambert (1994) e Souchier (2015) no campo da linguagem escrita. Há, em razão dessas referências, um lugar específico para compreender as relações humanas, pela linguagem escrita, por suas funções e por seu movimento.

Em 2019, temos uma das autoras deste artigo, doutorado concluído, ministrando aulas em uma escola estadual em Marília, em sala de recursos para alunos com comprometimentos físicos. Nessa sala, encontrou-se com Rick, do segundo ano do Ensino Médio, com limitados movimentos de membros superiores e inferiores, de tronco e de cabeça, que se deslocava com cadeiras de rodas, sem condições de fala, nem de movimentos que dessem a ele a possibilidade de fazer alguma inscrição em papel ou tela.



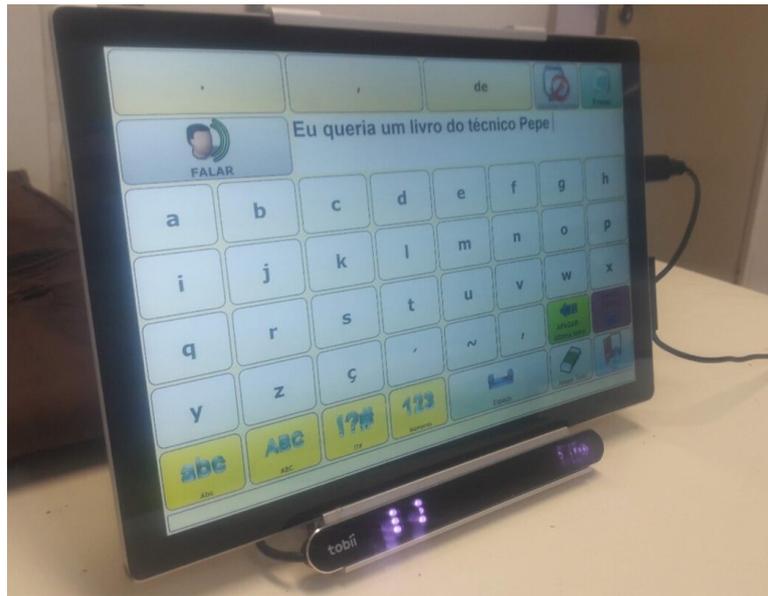
Com capacidade auditiva preservada, diagnosticado com paralisia cerebral, alfabetizou-se em Portugal, país para onde a mãe, brasileira de Minas Gerais, imigrara em 2001, com a intenção de trabalhar para dar ao filho as possibilidades educacionais inexistentes no Brasil. Quatro anos depois, Rick iria a seu encontro em Portugal. Lá a mãe se casou e o filho passou a frequentar o primeiro ano escolar em um centro onde também recebia cuidados para seu desenvolvimento geral, em tempo integral, com sessões de fisioterapia e professora especializada para seu perfil. Por meio de um computador e conjuntos de figuras, a professora especializada colaborava com a professora principal na tarefa de propiciar ao aluno as melhores condições para a sua alfabetização e para participação nos eventos sociais e culturais promovidos pela escola. O padraço, torcedor do Benfica, clube de futebol lisboeta, e do clube da cidade do Porto, introduziu-o no mundo do futebol, com a frequência aos estádios em tardes dominicais. Suas relações com o mundo do futebol o levariam à decisão de cursar comunicação e jornalismo para se tornar colunista esportivo na mídia digital.

De volta ao Brasil, com o padraço português, com a mãe e com a irmã menor, foi encaminhado para uma sala de educação especial que atendia a alunos com limitações físicas e deficiências múltiplas. Permaneceu nessa sala por um ano para que profissionais pudessem avaliar seu conhecimento, embora já soubesse ler e escrever. A sua inserção prolongada nessa sala, na avaliação posterior da mãe, gerou atraso em sua aprendizagem e em seu desenvolvimento integral. Um ano depois, foi encaminhado para uma classe de ensino regular, e atendimento em sala de recursos no contraturno, contraditoriamente, sem nenhum recurso que pudesse dar a ele condições para continuar seus estudos, nem para ler e nem para escrever, já que dispunha, e dispõe, apenas dos movimentos dos olhos para inscrever caracteres em telas e para navegar por *sites* na internet.

Em virtude da indisponibilidade de dispositivos específicos, a mãe, que sempre lutou para que o filho pudesse acessar os diferentes ambientes da escola, fez um pedido formal à Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo para obtenção de um dispositivo eletrônico, um tablete criado especificamente para crianças e adolescentes como Rick. Não atendida administrativamente, uma decisão judicial por ela requerida obrigou o governo estadual a adquirir e a deixar sob a guarda da escola um tablete portátil com sensor visual *Tobil Eye Mobile*, teclados de comunicação *Comunicator 5* e *mouse* avançado *WCE*, um equipamento portátil para uso de pacientes com dificuldades de fala e cognição, que permite navegação na internet com controle ocular.



Figura 1 - Tela do tablete com sensor visual *Tobil Eye Mobile*



Fonte: Arquivo dos autores

Um dia, a convite da professora, visitei a sala e conversei com Rick. As trocas de dados, impressões e informações se deram por meio de duas linguagens: enquanto eu empregava a oral, ele fazia uso da escrita, inscrita na tela do tablete. Curiosamente, percebi que escrevia, deletava, reescrevia, mas nem era necessário que ele concluísse o enunciado para ser compreendido por mim, porque a situação extraverbal, o tema, a relação entre perguntas e respostas, constituintes dos diálogos, me permitiam lançar hipóteses oralmente a partir dos fragmentos de dados visuais postos na tela e, com eles, solicitar, pelo tom da voz, a confirmação de Rick, que exultava de alegria ao perceber a conclusão dessa troca verbal materializada por duas vias, uma captada pelos ouvidos e outra captada pelos olhos. Com os olhos ele lia e escrevia, simultaneamente.

Apaixonado por futebol e por sua história, me punha em situação de participante em um programa de *Quiz*. Minha experiência como jogador amador de futebol e como ouvinte assíduo de transmissões de rádio nas décadas de 1950 e 1960 me deram condições de conversar com ele a respeito de jogadores antigos como Puskas, o brilhante húngaro do Barcelona, e Leônidas da Silva, o incrível são-paulino, e a respeito de outros fatos históricos ou recentes do mundo do futebol. Em outras visitas, jogos atuais eram comentados e jogadas e jogadores analisados. Fã de Mabppé, jogador do Paris Saint German em 2020 e em 2021 no Real Madrid, leitor assíduo de páginas da internet, Rick desfiava, pelos olhos fixos nos caracteres do teclado ótico, os fragmentos de enunciados sobre os quais eu me arriscava com ele a trocar sentidos, tal como recomendam os pressupostos teóricos que embasam os conteúdos de ensino por mim comentados com meus alunos sobre o ato de



ler, como a previsão, a antecipação, as hipóteses, as inferências, as pistas visuais oferecidas pela materialidade visível dos signos, articulados entre si em enunciados impregnados de vida e de situações extraverbais.

As trocas entre mim, Rick e a professora se deram algumas vezes e, por elas, ele anunciava seus objetivos, o de cursar jornalismo e o de se tornar cronista esportivo, no mundo digital, especializado em futebol. Sensibilizados por esse desejo, elaboramos, ela e eu, um projeto de extensão e de pesquisa que pudesse lhe propiciar a inserção em temas debatidos no cotidiano e no conhecimento de ferramentas linguísticas necessárias para que aprendesse a lidar com as suas ideias, personalizando-as em artigos de opinião, para enfrentar, com alguma chance, a prova de redação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) em 2020, adiada para janeiro de 2021, em decorrência da pandemia covid-19. Elaborado em conjunto, o projeto foi submetido ao programa Núcleo de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, ao comitê de ética local e aprovado para ser executado em 2020, com a colaboração de uma bolsista, terceiranista do curso de pedagogia.

O projeto

O projeto tinha como título - *Escrever e ler com os olhos em dispositivo digital ocular: preparação de um aluno para o ENEM 2020* - e prazo de execução previsto entre janeiro a novembro de 2020, presencialmente, na escola estadual onde estudava. Lá se encontrariam uma ou duas vezes por semana a professora da sala de recursos, a bolsista de graduação, Rick, e, em um ou outro dia, este pesquisador. O objetivo, que incluía promover extensão, realizar pesquisa, auxiliar na formação da bolsista-estudante e atender aos desejos do aluno de ensino médio, recebeu a seguinte elaboração: “Propiciar condições práticas e teóricas que contribuam para o desenvolvimento de um aluno com paralisia cerebral no campo da leitura e da escrita com vistas a sua participação no ENEM de 2020 e, concomitantemente, ampliar a formação de aluno-bolsista do curso de Pedagogia no campo da leitura e da escrita com tecnologias emergentes”.

Referenciais teóricos

A história da escrita é uma história de relação entre um sistema gráfico em evolução à procura de inusitados suportes, inventados por escreventes à procura de seus leitores. Apesar de serem incontáveis os suportes e seus veículos de difusão nos dias que correm, dois



deles estão na arena, em situação de disputa, em virtude da tensão entre tradição e inovação: os papeis e as telas. Apesar da transformação acelerada dos costumes culturais de escrever e de ler e das intenções múltiplas de quem escreve, os atos considerados iniciais de aprendizagem da linguagem na alfabetização são materializados no suporte papel. Os atos de escrever, apesar de avanços teóricos e tecnológicos, ainda são considerados atos motores, feitos por dedos ágeis e bem treinados, apoiados em dois instrumentos culturalmente manipuláveis: o lápis e a borracha. Ambos compõem um par de uma tecnologia construída em um tempo histórico bem determinado. Havia outro par, a caneta-tinteiro com tinta lavável e o mata-borrão, que caíram em desuso com o advento de outra tecnologia, a da caneta esferográfica, de tinta seca. Nem a máquina de escrever, nem os moldes tipográficos desbancaram o par lápis-borracha, ainda resistente e triunfal nas salas de aula do século XXI no Brasil.

Rick, apesar de suas limitações físicas, derruba dois mitos desse universo da tradição tecnológica. O primeiro é o da necessidade do movimento dos músculos da mão e dos dedos para inscrever palavras no papel; o segundo tem a ver com a necessidade de consciência fonológica, nuclear no método fônico, porque ele ouve, compreende os sentidos trocados pela linguagem oral, mas não pode articular os músculos da boca para pronunciar fonemas ou sílabas ou palavras ou enunciados. Encarna, com suas limitações e com suas superações ao ler e escrever com os olhos, um Davi vitorioso contra um Golias, representante de necessidades consideradas incontornáveis por algumas concepções: o movimento muscular e o princípio da consciência fonológica. Quem acompanha os princípios do paradigma indiciário de Ginsburg (1989) não pode desprezar um dado, uma minúcia, um detalhe, como os dados gerados nas relações com o Outro. Não é sensato a um pesquisador dos atos de leitura e de escrita ter a intenção de apenas evidenciar atos padronizados e teorias explicativas que intentam abarcar e fortalecer concepções e metodologias hegemônicas no campo da aprendizagem.

Quais seriam os comportamentos intelectuais de alunos sem limitações físicas, diante dos teclados que trazem todas as letras e suas formas, e, ainda mais, que possibilitam inscrições na tela com a escolha das fontes oferecidas pelos processadores de textos? Não haveria, com essa tecnologia, a necessidade imperiosa de aprender a mover o lápis com as mãos, nem a de procurar na tela virtual da mente a figura da letra escolhida, porque ela estaria disposta no teclado ou no *template*, diante dos olhos. Não haveria a necessidade de cumprimento da quase impossível tarefa de, inicialmente, isolar um fonema, para depois encontrar a letra a ele correspondente. A letra estaria ali pronta para ser escolhida e tocada, como primeira opção diante dos olhos; não dos ouvidos, nem da boca.



Não foram apenas os instrumentos tecnológicos para ler e para escrever que passaram por recriações e desusos. A linguagem escrita sofreu os impactos desses instrumentos e das próprias reconfigurações permanentes e incontroláveis das relações humanas. Os instrumentos criados em uma determinada época não acompanham as intenções e o desenvolvimento da linguagem escrita e dos atos humanos a ela sempre vinculados. A insistência em ensinar na escola um único movimento, com um único par de instrumentos, desencadeia desequilíbrios na linha do tempo histórico e das relações humanas. A insistência no isolamento do elemento sonoro – o fonema – cria ruídos estranhos, porque ele invade um reino a que não pertence e nem tem ali função, o da linguagem escrita, considerado o reino do visual, altamente semiótico, híbrido, escancarado aos olhos, graças a desempenhos como os de Rick, graças ao mundo digital, da escrita digital, principalmente dos aplicativos de trocas de mensagens como *WhatsApp*, *Telegram*, ou de plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

Por esses aplicativos, sentidos da escrita em construção orientam as escolhas das letras diretamente sem que o escrevente tenha a obrigação de passar pela composição sonora das palavras. Nos teclados de qualquer dispositivo, além de letras, há sinais, números, teclas de espaço, *emojis*, *gifs*, todos com funções próprias dentro de um sistema semiótico, dirigido para os olhos. Graças a esse sistema, Rick prescinde dos movimentos da boca para fazer as trocas com o outro. Bastam os olhos, porque o sistema se apoia exatamente na percepção dos sinais de que a mente precisa para se manifestar, para compreender a cultura e as relações humanas.

Por essas razões e para atender às especificidades do aluno, era preciso desenvolver um projeto de leitura e de escrita que tivesse as seguintes premissas como referência: 1. A aquisição da língua escrita por enunciados, com o uso do *mouse* ocular, um instrumento a ser empregado para a inscrição de caracteres em suportes como a tela, com movimento de olhos e tão somente por eles; 2. A língua escrita como sistema gráfico organizado para ser recebido por um tratamento visual, tanto para escrever quanto para ler; 3. As funções de todos os caracteres existentes no teclado na construção dos enunciados em situação predominantemente de troca dialógica; 4. Os gêneros dos enunciados, considerados como manifestações sociais, reveladores da necessidade de o homem intervir no mundo por meio da linguagem escrita; 5. A autonomia da linguagem escrita em relação à oralidade concede ao caractere autonomia em relação ao fonema, porque sua definição é dada em seu próprio campo, o gráfico; 6. Os caracteres não são compostos unicamente por letras, mas por um conjunto de sinais utilizados para inscrever a escrita semiótica em suportes.



O uso dos intervalos, das letras e dos sinais muito evoluiu desde o mundo grego e o latino. A tipografia, a máquina de escrever e as mídias digitais iniciaram, cada uma em seu tempo, rupturas nesse mundo da escrita alfabética. Em decorrência dessas metamorfoses, evidenciam-se as funções dos caracteres visuais no processo desenvolvimento da escrita e de leitura de textos por Rick, para que fosse aprimorada a sua formação humana e adquirisse condições objetivas para enfrentar a prova do ENEM, por meio de tecnologias a sua disposição.

Os dispositivos digitais, os fixos, como os computadores de mesa e lousas digitais, ou os móveis, como tabletes e celulares, desarranjaram as operações praticadas pelos homens, especialmente pelas crianças quando lidam com o sistema de escrita. Por essas razões, creio ser preciso evitar o distanciamento de Rick do mundo da cultura escrita, do mundo de seres humanos que têm o estatuto social de escritores e de leitores; é preciso, ao contrário, insistir na criação da necessidade de aprender a escrever e a ler pelas relações humanas, para que sejam propiciados os recursos necessários para a sua compreensão do mundo pela linguagem escrita, hoje hibridizada. As formas ideais de cultura (VIGOSTKI, 2010), as criadas pela cultura humana, como essa escrita digital em desenvolvimento, não podem ser sonegadas a alunos das escolas públicas, como Rick.

Procedimentos metodológicos para a execução da pesquisa e organização dos dados

O projeto de conceder a Rick algumas condições que o levassem a ganhar confiança para se submeter aos exames do ENEM pressupunha o desenvolvimento de atividades em cooperação entre a professora da sala de recursos e com o pesquisador responsável, durante o calendário previsto para 2020. As conversas seriam gravadas, com anuência do aluno e de sua mãe e as telas armazenadas no próprio dispositivo. Textos seriam impressos em papel e com cópias em outra mídia. Os diálogos seriam estabelecidos com apoio do programa *communicator 5* e posteriormente transcritos pela bolsista. Esse conjunto formaria um banco de dados para avaliação do projeto e para a divulgação dos resultados em eventos científicos. A análise se basearia nos estudos de linguagem de Bakhtin (2003) e de Volóchinov (2017), com destaque para a importância do Outro no processo de construção de diálogos, dentro de um universo dialógico mais amplo. A fundamentação teórica teria também o apoio de estudiosos do gênero *artigo de opinião* e de estudos sobre argumentação, nucleares para o objetivo do projeto e para o objetivo pessoal de Rick.



A equipe debruçou-se sobre os estudos de Bakhtin (2003), a respeito do papel do Outro, porque, quem escreve, estabelece diálogos por meio de enunciados orais ou escritos. Para a equipe, essa troca dialógica era essencial para a formação do Rick, cuja profissão o obrigaria a dialogar com seus leitores e, no caso específico do ENEM, o Outro seria diretamente o avaliador de seu texto, supostamente escrito para divulgação em alguma mídia. Para Bakhtin (2003, p. 275),

Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela alternância de sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do dialogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.

A partir desse ponto de vista, os dados seriam gerados, organizados e analisados, com uma atitude intelectual orientada por algumas questões: Como é criado o desejo de escrever nas relações entre o aluno e a bolsista, tendo em vista o desenvolvimento da necessidade de ler e de escrever artigos de opinião? Qual é a importância do Outro na criação de enunciados por quem escreve? Como são feitas as escolhas de palavras para compor o enunciado? Como são feitas as negociações entre a bolsista e o aluno durante o processo de escrita? O uso do dispositivo por Rick poderia também auxiliar crianças que falam, ouvem, veem e usam as mãos sem restrições? Esse processo poderia colocar em dúvida os argumentos em favor da necessidade de desenvolvimento de consciência fonológica como condição primeira para a alfabetização e para o próprio desenvolvimento da leitura e da escrita? As respostas a essas questões seriam fornecidas pelos dados registrados e analisados pela equipe.

Para pôr em andamento esse projeto foi desenvolvido um plano de atividades: reunião preparatória com a direção da escola para expor os objetivos; definição do período e dia da semana de atuação da equipe; definição dos locais de encontro entre a bolsista, a professora da sala de recursos e o aluno; conversa com os responsáveis para detalhar as ações a realizar; reunião e elaboração dos termos de consentimento de acordo com as exigências do comitê de ética da universidade; encontros mensais entre bolsista, professora e coordenador para avaliação do projeto; aprofundamento de leituras sobre a base teórica e avaliação do impacto do projeto na formação de Rick e da bolsista, na condição de aluna do curso de Pedagogia.



A equipe tinha a expectativa de que ele desenvolvesse a capacidade de ler e de inscrever textos mais longos na tela, com movimentos dos olhos captados pelo sensor ótico; que se sentisse um pouco mais confiante para prestar as provas do ENEM e, em consequência, que pudesse ingressar em algum curso de nível superior de comunicação e jornalismo; que a bolsista estabelecesse relações íntimas entre teoria e prática, notadamente quanto ao emprego de tecnologias emergentes para o desenvolvimento da leitura e da escrita em equipamentos de tecnologia avançada; que ela incluísse, em seus horizontes, como futura professora, metodologias diversas das tradicionalmente aplicadas nas instituições escolares para leitura e escrita com crianças sem comprometimentos físicos; que a universidade, por meio do projeto, pudesse dar contribuições efetivas para o desenvolvimento humano e social de alunos com deficiência física, como Rick.

Aprofundamento dos referenciais teóricos

No campo específico da escrita no mundo digital, estudiosos foram chamados, tais como Ghaziri (2009), para que fossem compreendidas as mudanças tecnológicas ocorridas ao longo do século XX, na primeira década do século XXI, e seu impacto na alteração de condutas, de procedimentos e de gestos do homem diante da tela e do teclado do computador. Ghaziri (2009, p. 147) afirma que

No começo do século XXI, o computador e a Internet, como tecnologias já consolidadas, seguem por um fluxo semelhante, transformando o modo como pensam aqueles que a criaram e os que hoje são seus principais defensores: a juventude urbana. É ela a interessada em novas formas de se comunicar e de se informar. O computador e a Internet mudaram os padrões de pensamento daqueles que sabiam ler o impresso.

Rick é esse jovem urbano que desde a infância lidou com computadores porque era o único dispositivo com que podia escrever. Em Portugal, antes de sua volta para o Brasil em 2012, escrevia com movimentos de queixo para tocar o teclado do computador posto a sua disposição.

Ao ser matriculado em uma escola pública em Marília, na sala de educação especial, sem os dispositivos adequados para a continuidade de sua escolarização, passou a usar teclados com teclas grandes, tocadas também com o queixo. Em virtude das dores causadas pelo movimento, seu padrao adaptou uma ponteira a um capacete acoplado a sua cabeça, quando de seu ingresso em sala de ensino regular. Com o movimento de cabeça, ele conseguia tocar mais facilmente as teclas com a ponta da ponteira.



Figura 3 - Imagem do capacete



Fonte: Arquivo dos autores

Figura 4 - Ponteira acionando as teclas



Fonte: Arquivo dos autores

Graças aos olhos e às ações somente possíveis por meio deles, atingiu um estado de libertação, de emancipação. Por eles, mudou o seu modo de compreender o mundo e de se comunicar. Escrever e ler, para Rick, não se tornaram movimentos que exigiam órgãos distintos do corpo - olhos, boca, ouvidos, dedos, porque os dois atos empregam tão somente os olhos que alimentam uma mente sedenta. Há fusão orgânica e também fusão intelectual entre ler e escrever. Curiosamente, essa fusão entre ler e escrever é analisada por Souchier (2015) ao criticar a emergência, na cultura escolar francesa, do termo *litteratie*, de origem inglesa (*litteracy*). Ele retira das cinzas da história, especificamente da Idade Média, o termo francês *lettrure*, por incorporar o ato de ler e o de escrever, considerados não dicotômicos. Em defesa desse conceito, afirma:



É a esse saber inicial do letrado que consiste, antes de tudo, em leitura-escrita da “letra”, que eu me remeto quando evoco a *lettrure* do usuário das mídias informatizadas, um saber que se nutre rapidamente das especificidades das mídias com as quais ele é confrontado e que solicita, logicamente, o letramento digital – assim chamado por Milad Doueïhi –, essa cultura digital específica que seria para as mídias informatizadas o que a *lettrure* seria para o códex medieval, se ela não necessitasse precisamente de se ancorar num gesto inicial de escrita-leitura. Dito de outro modo, o letramento digital, definido como o espaço da cultura digital contemporânea, repousa sobre a *lettrure* que constitui a sua canção de gesta inicial. (SOUCHIER, 2015, p. 213)

Souchier (2015) retoma o antigo termo porque encontra nele a fusão dos atos de leitura e de escrita na tela no mundo digital: lê-se e escreve-se simultaneamente; são lidos os teclados, a sequência de caracteres nele expostos, guias, menus, e são feitos cortes, apagamentos, retomadas, formatações e muito mais. Lê-se enquanto se escreve e escreve-se enquanto se lê. Se os homens, sem comprometimentos físicos, usam dedos e olhos, Rick, em seu canto, encarna o ato como *lettrure* descrito por Souchier, já que tem apenas os olhos para praticar os dois atos. Ele se torna o modelo do homem atual que *lescreve* nos aplicativos e dispositivos digitais; *lescreve* apoiado em uma escrita já dada: os *templates*, ou, em melhor conceituação de Souchier, Candel e Gomez-Mejia (2019, p. 302), o *arquitexto*:

Inicialmente definido como “uma escrita da escrita”, depois como um “dispositivo de escrita escrito”, o *arquitexto* se constitui como um ponto de passagem necessário para toda atividade digital”. Não há efetivamente escrita na tela sem um *arquitexto* que a torna possível, que a acompanha e que a formata. Pela primeira vez na sua história, o homem tem o recurso de “dispositivos de escrita escritos” específicos para poder praticar uma atividade de escrita. (E. Souchier, 1998, 2013). Ou, precisamente, por serem “eles mesmos escritos”, os “*arquitextos*” são textos legíveis e interpretáveis.

Pelo *arquitexto*, o programador prepara, por uma escrita específica, o cenário para a ação do leitor-escrevente que, ao tocar o teclado, não insere caracteres ou mesmo palavras e expressões, mas os reaviva, uma vez que já repousam programados à espera da ação humana, ou mesmo de um robô. Os bancos de dados de aplicativos de trocas de mensagens funcionam desse modo e é desse modo que Rick, por meio dos olhos, aciona os caracteres que vão aparecendo na tela, individualmente, em palavras inteiras ou em expressões sugeridas pelo *arquitexto*. O *arquitexto* permite *lescrever* e, para quem tem os olhos aguçados, essa ação se funde mesmo com os olhos e no *arquitexto*, que, como afirmaram os autores acima citados, “são escritos, legíveis e interpretáveis”.

Com o conjunto de dispositivos e aplicativos digitais fornecidos à escola, e com a ação solidária entre mim, a professora e a bolsista, as condições objetivas para o êxito de Rick começaram a ser postas. Não bastavam, entretanto, uma concepção de linguagem e a compreensão da relação entre o homem, nem os aplicativos, os *templates*, os órgãos dos sentidos, a mente



e nem o entendimento de que a ação educacional fosse a alavanca de promoção do desenvolvimento humano. Era preciso mais; era preciso avançar para o núcleo do gênero *artigo de opinião* para que ele tivesse as condições objetivas para enfrentar o desafio posto pelo ENEM. Era preciso estudar argumentação. Amossy (2018, p. 42) forneceu os princípios. Para ela,

há argumentação quando uma tomada de posição, um ponto de vista, um modo de perceber o mundo se expressa sobre um fundo de posições e visões antagônicas, ou tão somente divergentes, tentando prevalecer ou fazer-se aceitar.

Rick, aos 21 anos, já tinha posições, pontos de vista a respeito de temas debatidos superficialmente nas redes sociais. Expressava divergências e concordâncias, mas era preciso aprofundar e ampliar suas leituras para que escapasse do lugar comum das manifestações e das visões reducionistas da realidade social. Ele passaria a entender por que argumentar e como argumentar, e a distinção entre *argumentar* - a arte de convencer, de saber gerenciar a informação - e *persuadir*, saber gerenciar as relações. A forma de argumentar seria compreendida como a capacidade de falar à emoção do outro, convencendo-o a mudar o seu modo de pensar. A tarefa da equipe era entender as formas de um artigo de opinião e suas unidades constitutivas amalgamadas em torno de um tema em que a argumentação e a persuasão mantivessem vínculos com pensamentos lógicos e abstratos, para então orientar Rick em suas leituras, com o objetivo de propiciar a ele as escolhas de lugares para se posicionar nas relações humanas, e, desse lugar, participar de uma rede de argumentação, quando sentisse a necessidade de escrever para um Outro. O ensino médio, onde se encontrava na época, não é o tempo para o início dessa aprendizagem; ao contrário, deveria ser o coroamento de um processo constantemente alimentado desde a infância. Pouco antes de entrar no mundo universitário, como aluno no final do ensino médio, teria de entender que uma “opinião não se esgota em uma asseveração, mas é sustentada por argumentos construídos em uma teia discursiva, constituída por inúmeras vozes que contrapõem pontos de vista”. (ROCHA, 2012, p. 210).

Para nós, profissionais da educação, era fundamental conhecer os aportes teóricos da argumentação para ensiná-lo e para orientá-lo em suas tentativas, mas era preciso alimentar o seu conhecimento e alargar a sua visão dos acontecimentos e dos fatos que borbulhavam nas telas diante de seus olhos. Era preciso eleger um tema que atendesse aos conflitos por ele vistos diariamente na TV e nas redes sociais, possivelmente temas do exame a que se submeteria. Por isso, a escolha dos quatro sujeitos envolvidos se dirigiu para o *preconceito*, especificamente para o racismo. Negociada com ele a temática, e com sua aquiescência, a equipe reuniu algumas referências para que ele as lesse e, posteriormente, as discutisse com o grupo.



A pandemia, as desconstruções e as construções

Submetido em janeiro de 2020 e aprovado em março, o projeto já não encontraria as mesmas condições objetivas para seu desenvolvimento nos meses subsequentes. A suspensão das aulas presenciais, na segunda quinzena de março, levou as relações entre a equipe e o aluno para as telas dos computadores. Mas não seria tão simples assim, porque o dispositivo usado por ele na escola pertencia ao governo do Estado. Não podia sequer acompanhá-lo no intervalo entre aulas para que conversasse com os amigos no pátio. Levá-lo para casa seria missão impossível. Os dirigentes educacionais foram obrigados a atender à legislação que não prevê deslocamentos de bens do patrimônio público para ambientes privados. Rick foi para casa desprovido do único instrumento que lhe permitia, pela internet, manter trocas verbais com o mundo, com seus amigos, com parentes e com a equipe de professores.

Havia um caminho possível para suprir a ausência de assistência do Estado como provedor das condições educacionais necessárias. Antevendo o isolamento a que o aluno se submeteria após dezembro de 2020, quando concluiria o ensino médio e estaria do outro lado dos muros da escola e, portanto, longe do dispositivo posto por via judicial a sua disposição pela secretaria de educação do estado de São Paulo, funcionários da diretoria regional de ensino, professores, amigos, conhecidos, fizeram campanhas de arrecadação para a aquisição de um dispositivo semelhante ao preço estimado de trinta e cinco mil reais na época, equivalente a mais ou menos 6.700 dólares. Presentes de aniversariantes foram transformados em doações, vaquinha *on-line* foi criada para gerar renda, contatos frequentes com os representantes da empresa de tecnologia no Brasil foram feitos, mas era impossível chegar perto da quantia necessária. E a cada semana, graças a um governo instável, o dólar dava saltos. A cada salto, a distância da meta se alongava e o sonho de Rick desmoronava. Teria de ser encontrado outro caminho. Dois deles já tinham escapado do horizonte de visão: a permissão de uso do tablete pelo Estado, e o valor de mercado imposto por empresas representantes, no Brasil, do país europeu fabricante de um dispositivo semelhante.

Um mouse ótico acoplado a um computador comum foi a solução. Com valor ajustado ao arrecadado pelas campanhas populares, cerca de 9.5000 reais, (1.820 dólares, aproximadamente, na época) a mãe pôde finalmente compor o conjunto de dispositivos e aplicativos que reabririam para seu filho as portas para o mundo e para a educação, por meio do sinal de *wifi* pago de seu próprio bolso, mulher trabalhadora com dois filhos. A irmã menor tornou-se a assessora responsável por recarregar, acionar, desligar o aparelho e resolver as frequentes quedas do sinal durante o período de aulas.



O dispositivo pessoal

Foi adquirido um *notebook* adaptado com mouse ocular *Tobii* que permitia o acesso a todos os programas e aplicativos, com a calibragem da íris, e com um sistema de voz que poderia ser acionado para que ouvisse a escrita por ele inscrita na tela. No dia 1º de julho de 2020 foi feita a aquisição. A equipe do projeto deu início às instruções de uso do dispositivo, testagens de plataformas como *Google Meet*, *Google Docs*, *WhatsApp* e do próprio aplicativo de inserção de caracteres na tela e de navegação. Ele se adaptava rapidamente à educação remota com auxílio de sua irmã, então com 14 anos. A bolsista e a professora da sala de recursos, sob orientação do professor, reelaboraram o plano de atuação para o desenvolvimento de atividades, agora remotamente, para o enfrentamento da redação do ENEM.

Fontes para escolhas, posicionamentos e escrita do artigo de opinião

Em julho, as condições objetivas tinham sido conquistadas pela família e pela comunidade. Com o trabalho articulado entre o aluno, a bolsista e a professora, e a assessoria eventual de sua irmã, foram postadas mídias de conteúdo que abordavam criticamente os debates sobre racismo no Brasil.

O contato com o aluno era feito por meio do *WhatsApp* e chamadas de vídeo pela plataforma *Google Meet*. Foram criadas pastas também no *Google Drive* para compartilhamento de materiais. Como era tema muito debatido, a equipe pesquisou, organizou e colocou o material para acesso compartilhado. A troca inicial deu à equipe as condições para conhecer quais eram os posicionamentos do aluno sobre a temática e como poderia revê-los, aprofundá-los e organizá-los para elaborar uma defesa em artigo de opinião.

Pelo primeiro contato em julho, através do *Google Meet*, foi criado um documento no aplicativo *Documentos do Google*. Um vídeo que explicava de forma resumida a temática do assunto com o tema “Desigualdade Racial no Brasil – 2 minutos para entender!”, publicado pelo canal do *Youtube Superinteressante*, foi detonador das trocas. Em seguida vieram a leitura de pequenos textos e a visualização da entrevista de Djamila Ribeiro, filósofa e escritora, divulgada pela rede britânica BBC com o tema: “*Racismo no Brasil: todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista, diz Djamila Ribeiro*”.

O registro inicial da escrita foi feito pelo *Google Documentos*, e, em seguida, foram feitos registros por captura de telas pelo *Google Meet*, porque permitia à bolsista e à professora acompanharem a construção dos enunciados construídos, orientarem o aluno ou provocarem-no com indagações.



Esboços de um artigo inacabado

Os primeiros lances de escrita do artigo ganharam as telas em 20 de agosto de 2020. O sensor captava o movimento dos olhos, direcionado para um caractere, em seguida Rick o fixava na tela e o banco de dados sugeria palavras possíveis. Em processo de inscrição da palavra *QUAN*, recebe as sugestões *QUADAR*, *QUAL*, *QUAND*.

Figura 8 - Tela do comunicator 5



Fonte: Arquivo dos autores

Como o usuário de teclados de aplicativos em celulares economiza movimentos com as pontas dos polegares, ele também economizava os movimentos com a íris ao escolher a palavra sugerida pela programação do arquiteceto. A tela, configurada com teclado em letras maiúsculas, pode mostrar as minúsculas como se vê no esboço de enunciado na palavra *Brasil*, reaproveitada do banco, enquanto as demais continuam em caixa alta, porque Rick não alterou a configuração do teclado do dispositivo, excessivamente simples, uma vez que não há tantos ícones e caracteres como nos teclados comuns. Em virtude de as teclas das minúsculas serem menores, o teclado a elas correspondentes não era o preferido dele. Com insistência da professora, passou a fazer uso dele também.



Figura 9 - Tela do comunicator 5



Fonte: Arquivo dos autores

O enunciado em construção anuncia um equívoco nos seus conhecimentos históricos ao supor que os portugueses escravizaram os povos africanos no Brasil desde a invasão do território indígena em 1500. Para debate entre ele e a equipe, não foram, inicialmente, escolhidas as inconsistências ortográficas, mas o tema dos diálogos, a sua maneira de ver historicamente o tema e seus desdobramentos. Ele havia incorporado a visão europeia de descobrimento de uma terra desconhecida e vinculava a cor da pele ao processo de escravização de povos. Revelava desconhecer a dimensão social dos economicamente poderosos na exploração do trabalho de povos que não dispunham de poder e de armas letais, e a exploração escravagista a que foram submetidos os povos originários das terras invadidas, antes de aplicá-la aos povos aprisionados no continente africano. Por essa razão, os textos e os vídeos foram sugeridos para que ele pudesse reelaborar seus conceitos e seu conhecimento a respeito das relações de trabalho, de poder e de exploração.



Figura 10 - Tela do comunicator 5



Fonte: Arquivo dos autores

As leituras, os debates e vídeos mudariam, pouco a pouco, a visão de Rick, no período de pouco mais de um mês. Ao final de cinco encontros, confusos e truncados, compartilhados pelo *Google Meet* e pelo *Google Docs*, restaram os enunciados abaixo, parte de um artigo inacabado.

O rasimo no Brasil vem desde descobrimeto do Brasil quando os português chegaram Eles vinho de Portugal eles fizeram os negros de escravos bocasa da sua cor da sua pele
Os negros ganhar menos boacasa da cor da sua pele
Eu acho que a lei deviria ser igual para todo mundo porque nei todo mundo tem acesso as coisas acesso a educação de qualidade obinidade as coisas deviria ser mais fácil para conseguir as coisas para todo mundo. Deviria fazer leis para facilidade. Leis para combater o racismo e para com isso para nunca mais isso voltar acontecer.

Pode-se considerar que ele chegou a escreveu dois parágrafos. O primeiro apresenta o tema, com enunciado de natureza informativa. Planeja informar o leitor, embora incorpore equívocos históricos. No segundo, esboça posicionamentos e argumentos em um cenário brasileiro. São registros de atitudes resultantes das conversas entre ele, a bolsista, a professora e o pesquisador, mediados pelos textos e vídeos escolhidos. A expressão - *Eu acho que* - por ele empregada, revela a assunção de um ponto de vista, e, em seguida,



desafia uma visão crítica da desigualdade social em razão de baixos salários pagos aos descendentes dos povos africanos escravizados e das lacunas legislativas contra atitudes racistas. O emprego da expressão “para isso nunca mais voltar a acontecer” não conclui o artigo, mas anuncia para o leitor os sinais esperançosos de relações profundamente humanas que possam estancar as consequências provocadas pelas políticas econômicas de desigualdade social e as educacionais de limitação do desenvolvimento humano dos povos historicamente marginalizados em relação à distribuição da renda por todos produzida.

Há nesse artigo inacabado, do ponto de vista da composição do gênero, os traços de argumentação e de persuasão, constituintes de artigos de opinião; há, do ponto de vista da formação humana, traços que revelam a compreensão dos problemas sociais profundos que vinculam racismo estrutural e desigualdade econômica e educacional; há indicadores, do ponto de vista da escrita digital, das funções do arqutexto, dos aplicativos e dos dispositivos na inscrição na tela do que borbulha na linguagem interior de Rick, inscritos ainda com elipses, rupturas e truncamentos (VIGOTSKI, 2012). Esses eram indicadores cruciais para que a equipe pudesse reorientar textos com a função de o nutrir intelectualmente, de promover novas conversas e de dialogar a respeito da inscrição do artigo de opinião na tela. Ele teria o Outro, um perfil de leitor, sempre no seu horizonte para orientar as suas decisões e as suas construções argumentativas e persuasivas.

Entretanto, um reordenamento da organização das atividades domésticas foi, pouco a pouco, rompendo os já não sólidos vínculos remotos entre o aluno e a equipe. Levada, pelas circunstâncias, a trabalhar durante o período noturno, a mãe iniciava o repouso nas primeiras horas da manhã. Os filhos passaram a acompanhar, em casa, a jornada da mãe, trocando o repouso noturno pelo diurno, que se iniciava pela manhã e invadia grande parte da tarde. O afastamento corporal do prédio da escola, de seu ambiente e de suas relações levou o jovem a sofrer momentos depressivos, de desânimo e de abandono dos projetos iniciais, ou seja, os de superar os obstáculos do ENEM, ingressar em curso superior e almejar tornar-se cronista esportivo nas telas do mundo digital.

Em outubro de 2020 já não havia mais encontros virtuais para lidar com o avanço do artigo e para a seleção de outros temas para novos artigos. Restaram apenas contatos rápidos pelos quais foi possível acompanhar o seu desencanto. A professora havia feito a inscrição dele no ENEM, como aluno que necessitava de recursos especiais, especificamente de um sensor ótico para escrever. Em janeiro de 2021, na data prevista, a segunda onda da pandemia causava medo e pavor, especialmente para os que apresentavam quadros vulneráveis de saúde, como Rick. O cenário nebuloso e de alto risco fez a mãe tomar a decisão de não levar o filho para o local dos exames.



Considerações finais

Este conto-artigo-relatório não apresenta um final feliz no início de 2021. Os objetivos se distanciaram e desapareceram nas teias sociais e educacionais inesperadas e incontroláveis. As chances de Rick tornar-se um universitário e um analista de futebol esvaíram-se em janeiro de 2021.

Até o final de 2020, ele esperava ansioso pelas aulas presenciais porque sentia saudades da convivência com colegas, com professores e do ambiente escolar. Em virtude da impossibilidade de voltar à escola, encontrava-se desanimado, não querendo mais participar das aulas remotamente, por acreditar ter perdido o terceiro ano, o último de sua escolarização na educação básica. As dificuldades para a realização das atividades começaram a se tornar mais presentes, porque começou a encontrar dificuldades para se comunicar pelo dispositivo. A baixa luminosidade em seu ambiente dificultava a incidência de seu olhar para as teclas. Isso o irritava, a ponto de querer usar novamente o queixo para tocá-las, em vez de movimentar os olhos.

Histórias com temas, tramas e personagens reais, todavia, não se findam. No dia primeiro de maio de 2021, um feriado, a professora marcou pelo *Google Meet* um reencontro com Rick, a pedido dele, porque ele sentia o desejo de conversar sobre sua vida. Nesse encontro, planejamos, com sua anuência, fazer sua matrícula em cursinho preparatório para vestibulares oferecido como ação extensionista por alunos da UNESP de Marília. Faria parte de um grupo de alunos com necessidades especiais organizados em outro projeto de extensão coordenado por uma professora da mesma instituição.

O seu projeto pessoal foi então novamente delineado, sem que as dificuldades fossem escondidas. Era preciso ver possibilidade de sua inserção nas atividades *on-line* do curso preparatório, e da escolha, posteriormente, de um curso superior que possibilitasse a ele estagiar em um meio de comunicação, possivelmente em TV, um desejo claramente por ele expresso. As condições domésticas teriam de ser reordenadas para que as relações entre professores e ele fossem bem conectadas.

Em algum momento esta história teria de ser interrompida para compor parte deste artigo-conto-relatório. A interrupção se deu em julho de 2021, mas a vida segue.



Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa (*et al*). São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BAJARD, Élie. Manifesto dos usuários da escrita. **Ensino Em Re-Vista**, v.21, n.1, p.189-195, jan./jun. 2014.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Trad. De Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GHAZIRI, Samir. Mustapha. A leitura na tela do computador. São Paulo: Baraúna, 2009.

GINSBURG, C.; CASTELNUOVO, E.; PONI, C. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Lisboa: Difel, 1989.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

ROCHA, Regina Braz da Silva Santos. O ensino da escrita argumentativa na perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. São Paulo. 7 (1): 199-218, Jan./Jun. 2012.

SOUCHIER, Emmanuel. CANDEL, Etienne; GOMEZ-MEJIA, Gustavo. **Le numérique comme écriture**. **Malakoff**: Armand Colin, 2019.

SOUCHIER, Emmanuel. Da “letrure” à tela: ler e escrever sob o olhar das mídias informatizadas. **Ensino Em Re-Vista**, v.22, n.1, p.211-229, jan./jun. 2015.

VIGOTSKI, Lev. Semionovich. **Pensamiento y habla**. Trad. De Alejandro Ariel González. Buenos Aires: Colihue, 2012.

VIGOTSKI, Levi. Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. **Revista Psicologia** - USP, São Paulo, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 30/08/2021

Aceito em: 03/03/2022